

FREI ORLANDO

Prece de FEB

**ATINGIDO PELO DISPARO DO FUZIL DE UM ITALIANO AMIGO,  
FEZ UMA ULTIMA PRECE E MORREU, NO CAMPO DE BATALHA,  
OLHANDO PARA O CÉU QUE ACABAVA DE CONQUISTAR**

**Rubem Braga**

(Correspondente de guerra do DIARIO CARIOCA)



COM A FEB NA ITALIA — (De Rubem Braga, correspondente do DIARIO CARIOCA — Via aerea) — A morte de um capelão mi-

litar, no dia 20 de fevereiro, comoveu os homens da FEB. Porque o padre Antonio Alvares da Silva, Frei Orlando, era um homem forte e alegre, amigo dos soldados. Não o conheci — apenas o vi duas ou tres vezes — mas os soldados falam bem dele. Um oficial recorda o espanto de uma familia italiana quando Frei Orlando, no meio de uma conversa sobre musica brasileira, tirou do bolso uma gaita e danou-se a tocar sambinhas e marchas. Outro oficial diz que, dentro de um P.C., tendo caído ali por perto uma granada, alguém disse que todos deviam colocar o capacete de aço. Frei Orlando, que estava sem o capacete, cobriu a cabeça com uma lata qualquer — pondo por cima a sua insepafavel gaitinha.

Pouco sei a respeito dele — e não me fatigarei colhendo dados que certamente já foram divulgados no Brasil. Mineiro de familia mineira, ele estudou muito tempo na Holanda — e voltou com um leve sotaque. Um oficial seu amigo me contou que certa vez, quando os submarinos afundaram navios brasileiros, Frei Orlando foi olhado, por pessoas que não o conheciam, com desconfiança. Pensavam que ele fosse um desses padres alemães — não raros no Brasil — que secretamente entortavam a Cruz de Cristo, quebrando-lhe as pontas, em forma de swastica. O mesmo oficial comentou comigo:

— “Pois Frei Orlando era um dos verdadeiros democratas que havia aqui. Sempre se mostrou contrario a qualquer especie de ditadura, e não escondia suas opiniões. Era um homem de idéias arejadas, muito impressionado com as injustiças sociais. A's vezes, quando ele falava, dir-se-ia um revolucionario de esquerda”.

Estas notas — colhidas na conversa de uma noite — no P.C. do 2º Batalhão do 11º R.I., onde Frei Orlando prestava assistencia religiosa — vão apenas como cabeço de um artigo que sobre ele escreveu o capitão Francisco Ruas Santos, comandante da Companhia de Serviços do 11º R.I. Esse artigo apareceu no n. 43, de 2 de março, do jornalzinho “Vem Rolando...” que é órgão do Regimento.

Vitima de um acidente (morreu atingido pelo disparo do fuzil de um italiano amigo) Frei Orlando não chegou a ver a ultima fotografia que tirara. O capelão-chefe foi procurá-la no fotografo de uma cidadezinha — e só hoje poudo me entregar uma copia. E' essa fotografia que ilustra estas notas.

27-3, 45

- segue -

154

## O ARTIGO DO CAPITÃO RUAS

Aí vai o artigo escrito pelo capitão Ruas Santos, e que apareceu sem nenhuma assinatura no jornalzinho do Regimento:

"Num dia já longínquo, junto à Igreja de São Francisco, em São João del Rey, conheci aquele que na vida secular se chamou Antonio Alvares da Silva. Ali, naquela tarde era humilde e simplesmente Frei Orlando. As palmeiras imperiais que encantam aquela preciosíssima obra de arte colonial, choram hoje pela outra morte, a irreparável morte física de frei Orlando. E com elas, os pobres de São João, os pobres do Rio, os famintos de Pisa, os pobres e famintos de todos os lugares devastados por onde passou o irmão de São Francisco.

Frei Orlando. Duas palavras a significar um mundo de belas ações, uma vida verdadeiramente vivida.

Frei Orlando, para o nosso Regimento, tinha de ser mais do que o Capelão dedicado, confortando e animando os soldados em todos os momentos.

Frei Orlando tinha de ser mais do que o amigo de todos em todas as horas. Frei Orlando tinha de ser mais ainda, pois era como um pedaço de São João del Rey a seguir o Regimento de São João.

E a cidade sente que Frei Orlando lhe pertence.

Se é verídico possuírem os aglomerados humanos sentimentos, como os que fazem integrar em nossas pessoas os entes queridos, São João sabe e sente que Frei João era um pedaço de si mesma.

Por isso, vai sentir a sua morte com a dor que sentiríamos se perdessemos bruscamente um ser amado. Tal qual o Regimento sentiu a sua perda. Tal qual os pobrezinhos de Frei Orlando, daqui da Itália, sentiram a sua morte.

Frei Orlando era um bom.

No mundo atual, em que é difícil achar-se um homem a quem se possa, sem grave injustiça, atribuir o adjetivo aos eleitos de Deus, é confortador dizer-se assim: Frei Orlando era um bom. E porque era um bom, nós todos do Regimento, vós todos, pobrezinhos de todos os caminhos palmilhados pelas alpercatas do irmão e emulo de Santo Antonio, tu, São João del Rey, havemos de sentir sua perda para sempre.

Frei Orlando era um justo. E como justo ele morreu naquele fatídico 20 de fevereiro.

Frei Orlando era um justo, manhã junto às posições avançadas de duas Companhias de seu Batalhão. Levara também, como de costume, a sua palavra amiga aos homens do P. C. do Batalhão, que, naquela hora, defrontava o inimigo atacado à direita, à esquerda e pelo ar. Subia agora para Bombiana, afim de visitar os homens de outra Companhia em linha. A tarde estava bela e o sol podia mandar os seus raios, pois a recente conquista do Monte Belvedere dispensava as

meteoelicas cortinas de fumaça.

A caminho, frei Orlando falava conosco sobre uma irradiação de esperanças, que ouvira, feita pelos holandeses da parte da libertada da Holanda para os seus infelizes compatriotas do território ainda ocupado pelos nazistas. Coincidencia... Ali, também, subindo pelas encostas, indiferente aos perigos e às surpresas do campo de batalha, tal um herói ante as garras invisíveis da morte, frei Orlando ia irradiar esperanças nos corações dos que

## SANTOS

construíam, com mil sacrifícios, o mundo de todas as esperanças, o mundo dos bons como ele.

Lembro-me de que frei Orlando, a uma observação qualquer, riu com aquela gargalhada franca e jovial, que era só dele. A gargalhada que era um grito de festa de seu coração. Foi a última...

Um tiro, partido acidentalmente do fuzil de um alpino, atinge mortalmente frei Orlando. Surpreendido pelo choque e pela dor, frei Orlando sai apressado e ofegante já, pela hemorragia interna. Ao aproximar-se de frei Orlando, ere rezava às pressas uma Ave Maria, significando ter consciencia dos poucos momentos que lhe restavam de vida, e saber que era preciso aproveitar as ultimas forças para fazer a ultima prece.

Fiz com que se deitasse. Dalí a segundos, morria a olhar para o céu que acabava de conquistar.

O seu corpo inanimado sobre a relva, velado por um soldado e pelo pastor do rebanho de carneiros que mais abaixo pastava pela encosta, era uma grande lição que frei Orlando, morrendo, forte de corpo e puro de espirito, simbolizava, ali, entre os sinais da vida terrena e os ruidos e roncos sinistros anunciando a morte, a vitória sobre uma que não o conquistou — a Vida das Vaidades — e sobre a outra — a morte que o fizera viver para a eternidade.

Frei Orlando, ao se juntar à

Força Expedicionaria, pediu às pessoas amigas de São João del Rey que orassem por ele. Sabia quais as tentações e os perigos que o assaltariam. Desejava que a proteção divina o mantivesse puro e forte. A sua humildade não permitia que se visse a ombrear com os santos protetores da sua Ordem... Mas queria morrer com eles.

Nós, que conhecíamos frei Orlando, sabemos que as orações sinceras e fervorosas foram ouvidas pelo Altíssimo.

Frei Orlando viveu e morreu como um santo e um herói."

Aí termina o artigo do capitão. Quero rematar com a expressão de um cabo a quem falei sobre a morte do capelão:

— "Contado! Era uma boa praça, o frei Orlando".

27. 3. 45

153